



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Deus e o sofrimento: subsídios para o aconselhamento pastoral e a poimênica

God and suffering: subsidies for pastoral counseling and pastoral care

João Henrique Stumpf*

Resumo

O artigo busca refletir sobre a forma que cristãos interpretam a existência do sofrimento na atualidade diante das concepções de Deus que são alimentadas em seus meios. Quais as principais indagações que sofredores/as tem diante do mistério divino? Com o auxílio de teólogos contemporâneos como Andrés Torres Queiruga, Jon Sobrino e Jürgen Moltmann o texto investiga formas de entender a posição do Deus de Jesus Cristo diante do sofrimento de seus filhos e filhas: Como pode um Deus bom e todo poderoso permitir o mal e o sofrimento? E por fim, a reflexão oferece alguns subsídios teológicos - pastorais para o aconselhamento pastoral em contextos de catástrofes. A partir de Queiruga, somos levados a enxergar a beleza da criação de Deus, mas sem perder de vista suas limitações. A finitude, a provisoriedade, a imperfeição de toda a criação, incluindo a nossa liberdade, bem como, nossa incapacidade em lidar com ela de forma saudável, abrem portas para a entrada do mal e o sofrimento no mundo. Para Queiruga, Deus em hipótese alguma causa o mal ou permite, mas se coloca ao lado dos sofredores para lutar com eles. A compreensão de um Deus impassível, apático e dotado de um poder mágico e sem sentido, não corresponde ao Deus revelado através de Jesus Cristo, o qual se revelou como um Deus apaixonado, sofredor e solidário com as dores experimentadas por seus filhos e filhas.

Palavras-chave

Imperfeição. Sofrimento. Deus-solidário-amoroso. Poimênica.

Abstract

This article seeks to reflect on the way Christians interpret the existence of suffering in the present in face of the conceptions of God that are fed in their means. What are the main questions that persons suffering have before the divine mystery? With the aid of contemporary theologians as Andres Torres Queiruga, Jon Sobrino and Jürgen Moltmann we attempts ways to understand the position of the God of Jesus Christ before suffering

[Texto recebido em 16/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Formado em teologia pela Faculdades EST e, atualmente, realizando pesquisa de mestrado com apoio do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: joaohenriques131@gmail.com

of his children: How can a good God and Almighty to permit evil and the suffering? Finally, theological reflection provides some subsidies theological-pastoral for pastoral counseling in disaster contexts. Based on Queiruga, we are led to see the beauty of God's creation, but without losing sight of its limitations. The finitude, the provisional, the imperfection of all creation, including our freedom and our inability to deal with it in a healthy way, open doors for the entrance of evil and suffering in the world. For Queiruga, God in any way causes evil or permits, but stands alongside the sufferers to fight them. The understanding of an impassive God, apathetic and endowed with a magic power and meaningless does not correspond to the God revealed by Jesus Christ, who revealed himself as a passionate God, suffering and sympathetic for the pain experienced by his children.

Keywords

Imperfection. Suffering. God-loving-solidarity. Pastoral Counseling.

Considerações Iniciais

Desde seus primórdios a humanidade se pergunta sobre a origem do sofrimento. Foram muitos os personagens bíblicos que se depararam com situações de extrema dor. Jó é um exemplo:

Quando me deito fico pensando: quanto vai demorar para eu me levantar? A noite se arrasta, e eu fico virando na cama até o amanhecer. Meu corpo está coberto de vermes e cascas de ferida, minha pele está rachada e vertendo pus. [...] É melhor ser estrangulado e morrer do que sofrer assim (Jó 7.4-5,15).¹

O Sofrimento leva Jó a perguntar sobre a posição de Deus em relação à humanidade, o qual parece chegar a conclusão de ser o próprio Deus o responsável pelo mal e o sofrimento em sua vida: “Sem dúvida, ó Deus, tu me esgotaste as forças; deste fim a toda a minha família. Tu me deixaste deprimido” (Jó 16. 7-8a). A experiência de Jó serve de exemplo para explicitar a existência do mal e do sofrimento no mundo e a conseqüente indagação em relação à posição de Deus em meio a isso. O sofrimento parece ser inerente à própria natureza humana e a religião não fica alheia a tal constatação.

Constatação do sofrimento e a pergunta por Deus

Como podemos compreender e aceitar que inúmeras crianças são chamadas a vida e falecem nos primeiros meses de vida, por outro lado, tantas mães que sentem seus filhos serem arrancados de seus braços pela morte que vem de forma misteriosa e destituída de qualquer sentido compreensível. Catástrofes que ceifam a vida de milhares de pessoas a cada ano, algumas com explicações racionais, outras sem justificativa alguma. E em meio a

¹ Todas as citações bíblicas desse artigo correspondem a seguinte versão: BÍBLIA. Português. *Nova versão Internacional*. São Paulo: Vida, 2003.

tudo isso, a crença em um Deus que trás a vida parece ser uma sequência intensiva de desilusões, assim como mostra a história do povo de Israel.

Quantas vezes Israel esperou que se lhe restituísse o reino, e que viesse, por Israel, afinal a redenção de todas as nações, inaugurando-se o tempo messiânico, cheio de paz, justiça e solidariedade? A história tripudiou sobre estes anseios: sempre novas desilusões, novas perseguições, até chegar ao holocausto nos campos de extermínios nazista.²

A experiência do antigo Israel pode ser resumida através do mito Sisifo: “sempre tentar rolar a pedra, montanha acima, e sempre vê-la cair novamente para baixo?”³ Os pobres, os quais a partir da ação e encarnação de Cristo foram alimentados de forma especial, parecem estar com dificuldades de cantar a esperança: “Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E nesse dia os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar”.⁴ As gerações passam e a exploração só aumenta. Sobrino salienta esse não entendimento em relação à ação de Deus por parte dos pobres. No contexto do terremoto em El Salvador alguns questionavam: “Quantas vezes dizemos que Deus age na história [...]. Mas, padre, se ele atua, quando é que isso acaba? E tantos anos de guerra e tantos milhares de mortos? O que está acontecendo com Deus?”⁵

Ao longo do Antigo Testamento temos vários personagens que tentaram entender a posição de Deus diante do sofrimento. O Salmista pensa fazer a mesma descoberta: “Eu me calo, não abro a boca, pois quem age sois vós. Afastai a vossa praga de mim, eu sucumbo ao ataque de sua mão”.⁶ Para o Salmista resta implorar misericórdia, pois a descoberta da onipotência de Deus o revela como o principal autor do mal em sua vida. Tal descoberta encontra ressonância em Jó. “Garanto a vocês que tudo é a mesma coisa: Ele extermina tanto o inocente como o injusto. Se uma catástrofe semeia morte repentina, Ele zomba da desgraça do inocente. Ele entrega o país na mão do injusto e fecha os olhos dos seus juízes!” (Jó 9. 22-25). As conclusões que esses personagens chegam ainda não dão conta de explicar o mistério divino diante da complexidade de tais situações. Respostas por demais simplórias e inconsequentes apenas servem para gerar mais sofrimento nas vítimas.

As respostas a respeito do sofrimento como quebra do orgulho humano, permissão ou vontade misteriosa divina, castigo ou retribuição pelo mal que fizemos, destino, fatalidade ou um bem, são tentativas de consolo para

² TEPE, Valfredo. *Para que tanto sofrimento?* Petrópolis: Vozes, 1996. p. 70.

³ TEPE, 1996, p. 70.

⁴ PASTORAL POPULAR LUTERANA. *O povo canta: cancionário II da Pastoral Popular Luterana*. Palmitos: Pastoral Popular Luterana, 1994. p. 80.

⁵ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?: terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

⁶ TEPE, 1996, p. 83.

nós e para aqueles que padecem bem próximos, mas ao mesmo tempo fonte de angustias, revoltas e amarguras contra o próprio Deus.⁷

Por esse motivo, não podemos disseminar a imagem de um Deus contrário a sua revelação em Jesus Cristo, seja devido “a força do nosso hábito, da repetição, da preguiça intelectual, ou mesmo pela acomodação uma imagem ultrapassada de Deus”.⁸ Livrar Deus de algumas imagens e conceitos que conferimos a ele, os quais deformam a face que revelou através de Jesus Cristo e assim libertar os seres humanos destas imagens malélicas, que trazem consigo consequências nocivas, constitui uma tarefa urgente para a missão da igreja.

Porém, a pergunta sobre a posição de Deus diante do sofrimento ainda continua a ressoar: “Onde está Deus? Também Jesus fez essa pergunta, e Paulo teve a audácia de responder. ‘Na cruz’”.⁹ Após esse momento de mapeamento sobre as perguntas e respostas dadas em relação à posição de Deus diante do sofrimento seguimos para uma reflexão mais fundamental e sistemática.

A posição de Deus diante da dor e o sofrimento

Iniciamos nosso segundo capítulo com as palavras de Epicuro em relação ao assunto:

Ou Deus não quer eliminar o mal ou não pode; ou pode, mas não quer; ou não pode e não quer; ou quer e pode. Se pode e não quer é mau, o que naturalmente deveria ser estranho a Deus. Se não quer nem pode, é mau e fraco e, portanto, não é nenhum Deus. Se pode e quer, o que somente é aplicável a Deus, de onde provém o mal e por que não o elimina?¹⁰

Com o objetivo de responder essas perguntas foram formuladas inúmeras respostas, que nem sempre alcançaram seu objetivo. “Para quem busca uma resposta positiva, o fundamental é que Deus pode tirar ‘bens’ do mal, do sofrimento. Mas isso não acalma a mente nem o coração”.¹¹ Tal posição, conforme sustenta Sobrino entra em conflito com um dos fatos mais indiscutíveis da história humana: “no sofrimento inocente há algo não recuperável pela razão”.¹² Ideia que Dostoievski expressou de forma clara e objetiva, segundo citação de Sobrino:¹³ “Se me disserem que o sofrimento das crianças inocentes tem recompensa em um céu, não me convidem. Devolvo o ingresso já”.¹⁴

⁷ GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

⁸ GOMES, 2007, p. 37.

⁹ SOBRINO, 2007, p. 195.

¹⁰ LACTÂNCIO. De ira Dei apud SOBRINO, 2007, p. 191.

¹¹ SOBRINO, 2007, p. 191.

¹² SOBRINO, 2007, p. 191.

¹³ SOBRINO, 2007, p. 191.

¹⁴ SOBRINO, 2007, p. 191.

Ao longo da história foram elaboradas inúmeras ideias com o objetivo de responder a posição de Deus diante do sofrimento. Isso ocorre pelo fato de Deus não se revelar em sua plenitude. Deus se mostra sempre de novo incompreensível, abscondido, ao contrário de toda lógica humana. Seu poder se mostra na cruz, na fraqueza, entre os pobres e marginalizados e por isso toda vez que tentamos racionalizá-lo ele se mostra “totalmente outro”.¹⁵ “Devemos abrir mão de nossa arrogância intelectual. Nossa razão é inadequada para solucionar racionalmente, dialeticamente, este problema.”¹⁶

Ao longo da história foram muitos que tentaram defender o homem rebelando-se contra Deus, ou defender Deus esmagando assim o ser humano. “Leibniz, zeloso em desculpar Deus, afirmou que este mundo é o melhor dos mundos e todo mal e sofrimento tem como causa o homem. Tal teoria foi criticada por Kant e ridicularizada por Voltaire.”¹⁷ Existem fenômenos naturais os quais trazem enormes sofrimentos para as pessoas que em nada são influenciados por ações humanas. Culpar o ser humano por todo sofrimento que acontece no mundo causaria nele um complexo de culpa, angústia e abatimento. Mesmo tendo que sustentar em última análise o mistério de Deus não podemos jogar toda a culpa do mal e sofrimento do mundo Nele, e nem isentá-lo por completo de tais acusações.¹⁸

Percebemos que a complexidade da questão não nos permite um tratamento e uma análise simplória. Somente a racionalização não nos levará a nada, tendo em vista que a fé em um Deus que transcende a nossa capacidade de compreensão, impede uma abordagem estritamente racional. Por outro lado, a razão pode estabelecer com a fé um diálogo saudável e ser para ela uma espécie de guia, na medida que as duas adquirirem a consciência de suas possibilidades e limites. Tendo isso como pano de fundo, buscaremos, com base em alguns autores contemporâneos, possibilidades de entender a relação entre Deus e o sofrimento.

O Sofrimento e o mal são consequências da finitude e provisoriedade da criação

O profeta Ezequiel ao refletir sobre Deus diz em primeira pessoa: “Não sinto nenhum prazer na morte do injusto. O que quero é que se converta e viva (Ez 33. 11)”. Para o profeta está claro que o mal e o sofrimento não são queridos por Deus. A encarnação esclarece a posição contrária de Deus em relação à dor e o sofrimento.

A encarnação mostra como Deus assume a negatividade da dor e do mal, lutando contra tais realidades até experimentar, na cruz, o fracasso e a injustiça, o massacre pelos poderes inumanos e antidivinos da história. Se ele se encontra ao nosso lado, contra o mal e a dor, não pode ser o causador, ou aquele que permite o sofrimento. Deus jamais se cala diante

¹⁵ Conceito trabalhado por OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁶ TEPE, 1996, p. 151.

¹⁷ TEPE, 1996, p. 151.

¹⁸ TEPE, 1996, p. 87.

do drama humano. O que experimentamos, diante da dor, como 'silêncio' de Deus na realidade é nossa dificuldade de ouvi-lo.¹⁹

Moltmann ao refletir sobre a questão sustenta: "Se Deus sofre por nós e conosco, jamais poderá ser considerado o autor do mal".²⁰ Gomes, seguindo o pensamento de Queiruga afirma que não é possível para Deus evitar o mal. "Deus não pode evitar o mal, ou vencê-lo de uma vez por todas, em um mundo evolutivo, limitado, finito e imperfeito. A origem do mal se encontra na finitude".²¹ É como se a imperfeição e a provisoriedade abrissem espaço para a possibilidade do mal e o sofrimento.

Pretender para o ser humano enquanto radical contradição: Um ser que é e não foi, que é e não será, um ser no qual toda perfeição é um limite, toda conquista um fracasso, para o qual ser é não ser, ainda, é não chegar a ser nunca, e, ao mesmo tempo, querer o ajustamento perfeito, a plenitude última, a segurança sem defeito, a ausência do mal e do sofrimento seriam uma doce ilusão. O mal é uma manifestação necessária da limitação da contradição do finito. Só o infinito, o pleno, o ilimitado, ou seja, só Deus pode ser livre do mal.²²

Assim sendo, o sofrimento e o mal passam a ser inerentes à criação do mundo, pelo simples fato do mesmo não ter nascido perfeito e acabado, e assim, podemos afirmar que para que não existisse o mal e o sofrimento no mundo, só haveria uma única alternativa de Deus não ter criado o universo. O fato de Deus ter criado e ter morrido e ressuscitado por amor ao mundo, indica que o bem da criação transcende o mal que nela existente. A encarnação apresenta um Deus que não é meramente intervencionista e arbitrário, mas se mostra presente e próximo nesse processo, ajuda os seus a lidar com a dinamicidade da vida. Porém, devido à evolução dinâmica da criação, sua provisoriedade e limitação, ainda sofremos com suas consequências negativas. Assim podemos afirmar conforme sustenta Gomes: "O que se torna possível ser realizado por Deus, no final (escatologia), não pode ser possível no início (protologia), uma vez que afirmamos a evolução dinâmica, a criação continua e, ainda, carencial".²³

O Deus sofredor e solidário no sofrimento

Não podemos continuar cultivando a concepção do Deus da onipotência infantil e ingênua. Nesse processo de mudança de paradigma a própria encarnação nos ajuda. "Jesus nos ajuda, nesse sentido, a passar de um Deus da onipotência infantil para o Deus do amor, que não violenta as liberdades, mas nos convoca para aprender, integrar e

¹⁹ GOMES, 2007, p. 104.

²⁰ MOLTSMANN apud GOMES, 2007, p. 137.

²¹ GOMES, 2007, p. 104.

²² TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a salvação: uma interpretação libertadora da experiência cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999. p. 93-94.

²³ GOMES, 2007, p. 104.

superar o sofrimento e o mal”.²⁴ Tendo em vista que “Jesus se fez um de nós, a fim de realizar em nossa carne nosso próprio projeto finito; não se pondo fora do curso doloroso do mal, mas antes transpassando com a força salvadora do amor infinito”.²⁵ O Filho de Deus lutou e foi vítima do mal no mundo e por isso não podemos mais alimentar a concepção de um Deus distante, indiferente e todo poderoso.

A oração de Jesus no jardim e sua morte na cruz mostram um Deus silencioso, inativo. A tradição põe, sem inibição, na boca de Jesus o grito ‘meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?’ (Mc 15.34). Então, se Deus estava na cruz de Jesus, não é o Deus em que costumamos pensar. Ou, em outras palavras, ao seu poder na criação, no Êxodo, na ressurreição, é preciso acrescentar agora seu silêncio, sua inação, sua impotência na cruz.²⁶

A concepção da onipotência mágica não pode ser mantida, mesmo tendo ciência de que ela dá segurança e um sentimento de bem estar em algumas situações cotidianas para determinadas pessoas e grupos sociais. Somente um Deus acima de tudo amoroso pode dar consolo às vítimas. “Esse abandonado pelo Pai carrega consigo a eterna morte dos abandonados e condenados, a fim de se tornar irmão e seu Deus. Por meio do abandono de um, o Deus crucificado se coloca perto de todos ao assumir toda a rejeição e solidão”.²⁷ Jesus em primeiro lugar sentiu compaixão e foi solidário com os sofredores. “Jesus não nos libertou da dor. Libertou-nos do absurdo da dor e da morte. Pois tornou-se nosso irmão na dor. Podemos lamentar-nos com ele, assumindo as lamentações de Israel”,²⁸ e também assumir a experiência alucinante do Salmista e do próprio Jesus: “Meu Deus, por que assim me abandonaste?” (Sl 22.2).

Os Cristãos não tem um atalho que lhes permite rodear e evitar toda dor e sofrimento. Mas conhecem um caminho que não evita a dor e o sofrimento, pelo contrário, passa pelo centro “morte”, uma vez que esta já está iluminada pela ressurreição. Desse modo as próprias chagas do Cristo ressuscitado são as marcas da vitória do bem sobre o mal.

São as chagas do ressuscitado que iluminam o mistério do sofrimento humano. A cruz é o símbolo que une para sempre morte e ressurreição. Sem a ressurreição, a morte e todos os sofrimentos voltam às trevas do absurdo e da maldição. “Não devia o Cristo sofrer e assim entrar em sua glória”? (Lc24, 26). Só a cruz, símbolo da vitória sobre a morte pela ressurreição, pode inspirar ânimo e perseverança na caminhada dolorosa da vida.²⁹

²⁴ TORRES QUEIRUGA, 1999, p. 134.

²⁵ TORRES QUEIRUGA, 1999, p. 134.

²⁶ SOBRINO, 2007, p. 194.

²⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Paixão pela vida*. 2. ed. São Paulo: Aste, 1978. p. 112.

²⁸ TEPE, 1996, p. 131.

²⁹ TEPE, 1996, p. 154.

A cruz de Cristo afirma a máxima solidariedade aos sofredores de todos os tempos. Por outro lado, denuncia todas as concepções divinas que legitimam a injustiça feita a inocentes, afirmando que a dor e o sofrimento acontecem por serem a vontade de Deus ou permissão. Ela afirma ainda que o poder de Deus não é algo mágico e desprovido de sentido, mas sim, um poder que carrega consigo a opção pela vida e pelos sofredores. “A cruz desmascara igualmente, as estruturas e os grupos promotores do mal histórico, fazendo nos ver que toda justificação da miséria é perigosa e falsa e deve ser combatida”.³⁰ Por fim, a cruz de Cristo quer ser para nós um chamado para uma postura ativa diante de realidades injustas em vista a transformar toda realidade de morte em vida, conforme a ressurreição nos ensina, pois assim como Sobrino afirma, a ressurreição é muito mais que um poder divino chamando um cadáver a vida, mas sim, é a justiça de Deus realizada a uma vítima do mal no mundo.

Deus e o sofrimento: subsídios para o aconselhamento pastoral

Nesse terceiro capítulo temos o objetivo de aplicar a reflexão dos dois primeiros capítulos para dentro do aconselhamento pastoral e da poimênica, ou seja, rever as imagens e concepções de Deus que estão por traz do aconselhamento e poimênica e propor outras mais coerentes com o Deus revelado em Jesus Cristo. Entendemos que o aspecto religioso-teológico e metodológico do aconselhamento devem andar juntos, desta forma, todo aconselhamento pastoral deve estar alicerçado em uma concepção teológica coerente e sólida, bem como, a teologia fundante do aconselhamento precisa de uma metodologia apropriada para fazer a diferença na vida seus interlocutores.

A importância do aspecto teológico para o aconselhamento

Na atualidade as pessoas parecem estar perdendo os valores e as tradições que as fazem bem. “A época em que vivemos é uma época órfã, separada de seu passado histórico pelo impacto transformador da tecnologia dinâmica. Hoje em dia todo indivíduo na ‘massa solitária’ é assaltado por um sentimento de desolação e singularidade incomunicável”.³¹ Em meio a isso cresce o ateísmo declarado, pois as imagens e concepções de Deus cultivadas por algumas igrejas, grupos e pessoas, são incoerentes ao Deus revelado em Jesus Cristo. O Deus amoroso que poderia suprir esse sentimento de orfandade no povo muitas vezes é negado em troca da afirmação de um Deus dotado de um poder mágico, severo, controlador, rancoroso e vingativo. Tudo isso colabora para que o ser humano atual perca o sentido da vida, o que o torna vulnerável diante dos conflitos diários.

³⁰ GOMES, 2007, p. 176.

³¹ CLINEBELL, 1987, p. 101.

Para finalizar, as características da sociedade atual ajudam semear na vida humana vários malefícios. “A falta de objetivo de nossa ‘geração extraviada’ é um solo fértil para as sementes de patologia matrimonial, conflito interpessoal e doença da personalidade”.³² O aconselhamento pastoral precisa estar ciente do contexto no qual se insere,³³ sem perder de vista seu fundamento teológico alicerçado no Deus do amor revelado através de Jesus Cristo, capaz de perdoar os erros humanos e de dar a vida por amor aos seus, assim poderá dar conta dos desafios que a atual sociedade lhes confere. Embora o paradigma do Deus todo poderoso ajude a criar um sentimento de segurança entre as vítimas, conforme afirma Sobrino,³⁴ o mesmo fracassa quando as vítimas precisam de um Deus que elas possam amar e se sentirem amadas por ele. O Deus manifestado em Cristo é poimênico.

Para evitarmos uma reflexão por demais abstrata trabalharemos algumas situações que geram crises nos seres humanos e que clamam por uma poimênica coerente. Sem ter o objetivo de esgotar com as situações que geram sofrimento, focalizaremos nossa atenção em situações determinadas e tentaremos fornecer alguns subsídios teológicos, com vistas a construção de uma poimênica teologicamente coerente e libertadora.

Aconselhamento em situações de catástrofes naturais

O teólogo latino-americano Jon Sobrino ao comentar sobre o terremoto devastador que ocorreu em El Salvador, ressalta que a maioria das vítimas não buscou interpretar o motivo da catástrofe.

Alguns fanáticos, disseram que o terremoto foi um castigo de Deus (...). Outros, a maioria dirige-se a Deus com gratidão: ‘Graças a Deus estamos vivos’; com esperança: ‘primeiro Deus, sairemos desta situação’; e com submissão para encontrar um sentido na catástrofe: Seja feita a vontade de Deus.³⁵

Percebemos que as pessoas encaram de modo diferente os acontecimentos. Porém, o que chama a atenção é que as vítimas não se preocupam em excesso com uma explicação religiosa da catástrofe. Sobrino ressalta que pouco se ouve perguntas em direção a

³² CLINEBELL, 1987, p. 101.

³³ Este contexto está aqui compreendido como a vida concreta dos pacientes, bem como, com o meio social em que vivem.

³⁴ Um exemplo que nos ajuda a compreender a diferença entre as concepções do Deus todo poderoso versus a do amoroso e solidário na vida das vítimas é citado no livro de Jon Sobrino: “Os pobres deste mundo querem um deus que seja um pouco diferente deles, que tenha poder para salvá-los. O mesmo ocorria com monsenhor Romero e Ignacio Ellacuría: Os pobres os queriam diferentes, com o poder da palavra e da instituição eclesial, com o poder da razão e da instituição universitária, que aqueles tinham e com os que eles não contavam. Mas não é essa toda a verdade. Quando monsenhor Romero rejeitava a segurança pessoal - empobrecia-se, tornava-se vulnerável - para correr os mesmos riscos que o povo. Mas justamente por isso sentem afinidade, proximidade.” (SOBRINO, 2007, p.195.)

³⁵ SOBRINO, 2007, p. 38.

teodiceia clássica, por exemplo: “Deus não pode ou não quer evitar as catástrofes?”³⁶ No entanto, as vítimas ao invés de uma explicação buscam um sentido para conseguirem organizar o caos.³⁷

A poimênica e o aconselhamento nessas situações devem ajudar as vítimas a encontrar esse sentido, incentivar seu protagonismo em busca de libertação e confortá-las. Nesse contexto embora respostas racionais ajudem, elas não são o suficiente. A racionalização da explicação do problema sofrido não é capaz de arrancar a dor das vítimas. O fato de elas entenderem que o sofrimento e a dor são consequências da imperfeição e provisoriedade do mundo criado, como trabalhamos no segundo capítulo, não terá muita importância na superação dos problemas, mas ajudará elas a entenderem que a tragédia não é querida por Deus, nem permitida por ele, mas uma possibilidade, a qual toda criatura estará sujeita e assim conseguem articular sua fé com a luta pela superação das crises. Descobrir que Deus não é o autor das catástrofes naturais já é um grande passo para se sentirem acolhidas ao perceberem que Ele não quer vê-las sofrendo, mas se coloca ao lado para ajuda-las a carregarem suas “cruzes”. Um dos papéis da poimênica passa a ser ajudar as vítimas a encontrar esse Deus solidário, que não deseja as catástrofes naturais em hipótese alguma, que não planeja castigar seu povo com tragédia, que não têm como método pedagógico para ensinar seus filhos o sofrimento e a dor, mas que se coloca ao lado, que se dispõe a caminhar junto, sendo solidário com as dores das várias vítimas de terremotos, tsunamis, estiagens, vulcões, enchentes, etc. Deus não é poder, Deus é amor, essa deve ser a base de uma poimênica e um aconselhamento libertador.

Aconselhamentos decorrentes de tragédias causadas por seres humanos

Nas tragédias ocasionadas por catástrofes naturais temos um “autor” ou vários “autores” misteriosos do ponto de vista religioso. Alguns culpam a natureza, outros fatores, e principalmente Deus. Quando afirmarmos um Deus amoroso, resta nos afirmar que ele não pode evitar certas coisas, pois a possibilidade de males e sofrimentos derivam da imperfeição e provisoriedade da própria criação. Porém, em tragédias causadas pela ação humana, qual a posição de Deus? De que base teológica o aconselhamento pastoral e a poimênica podem partir para fazer o seu papel, e alcançar seus objetivos?

Tragédia em Santa Maria

O incêndio na Boate Kiss em Santa Maria, RS foi considerada a quinta maior tragédia da história do Brasil.³⁸ É consenso que a tragédia Kiss foi causada por atitudes

³⁶ SOBRINO, 2007, p. 174.

³⁷ SOBRINO, 2007, p. 174.

³⁸ O incêndio ocorrido na boate Kiss na cidade de Santa Maria-RS, em Janeiro de 2013, matou 242 pessoas, sendo a grande maioria por asfixia. A tragédia ocorrida foi ocasionada pelo uso imprudente de um

humanas. Porém, algumas pessoas mesmo assim culpam Deus por tal catástrofe. Algumas pessoas interpretaram tal tragédia como um castigo de Deus a suposta promiscuidade que acontecia na boate. Outras pela sua permissão ou omissão de para tal evento. Tal concepção além de disseminar a concepção de um Deus contrário a sua revelação, como já vimos, anula a capacidade de descobrirmos os verdadeiros fatores que contribuíram para tal tragédia. Assim sendo, sem conseguir e sem nos preocupar com nossa própria culpa em tal evento, ficaremos passivos e nada faremos para que isso não mais se repita. Nesse sentido e nesse contexto, somente um Deus acima de tudo amoroso, que foi crucificado com as vítimas da boate Kiss, que fez de tudo para ajudar as pessoas a saírem e vencerem a fumaça mortífera, somente um Deus que fez o possível e lutou até o fim com as vítimas é capaz de nos libertar para consolarmos as vítimas e sermos consolados. Somente um Deus crucificado e sofredor é capaz de ser solidário com os sofredores. Somente este pode ser a base de uma poimênica e um aconselhamento pastoral que não desmereça a dor do próximo, que não o aliene, e que o ajude a superar o sofrimento e utilizá-lo de uma forma construtiva no processo de recuperação. Em plena Segunda Guerra Mundial, dizia Bonhoeffer: “Deus, pregado na cruz, permite que o expulsemos do mundo. Deus é impotente e fraco no mundo, e somente assim Deus está conosco e nos ajuda. Somente um Deus que sofre pode nos ajudar”.³⁹

Aconselhamento a vítimas do massacre na escola em Realengo, RJ

No dia 7 de abril de 2011 um massacre ocorrido em uma escola no Rio de Janeiro mobilizou o Brasil⁴⁰ e suscitou várias reflexões sobre as causas da tragédia. Os debates evoluíram na direção da falta de segurança das escolas e a prática de *bullying*, bem como, na pessoa de Wellington, conferindo a ele quase a totalidade da culpa e na falta de segurança que permitiu sua entrada.

sinalizador pirotécnico por parte de um integrante da banda e irregularidades em relação as normas de segurança da boate. COMO FOI A TRAGÉDIA EM SANTA MARIA, RS. In: g1 Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-incendio-boate-santa-maria-entenda/platb/>. Acesso em: 15. Out de 2014.

³⁹ SOBRINO, 2007, p. 195.

⁴⁰ “Um homem matou pelo menos 12 estudantes a tiros ao invadir a Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, na manhã do dia 7 de abril. Wellington Menezes de Oliveira, 24 anos, era ex-aluno da instituição de ensino e se suicidou logo após o atentado. Segundo a polícia, o atirador portava duas armas e utilizava pelo menos 10 dispositivos para recarregar os revólveres rapidamente. As vítimas tinham entre 12 e 14 anos. Outras 18 ficaram feridas. Wellington atirou em duas pessoas ainda fora da escola e entrou no local alegando ser palestrante. Ele se dirigiu até uma sala de aula e passou a atirar na cabeça de alunos. A ação só foi interrompida com a chegada de um sargento da Polícia Militar, que estava a duas quadras da escola. Ele conseguiu acertar o atirador, que se matou em seguida. Em uma carta, Wellington não deu razões para o ataque - apenas pediu perdão de Deus e que nenhuma pessoa ‘impura’ tocasse em seu corpo”. VEJA A CARTA DEIXADA PELO ATIRADOR ANTES DO MASSACRE NA ESCOLA. *Terra*: Notícias. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/veja-a-carta-deixada-pelo-atirador-antes-do-massacre-na-escola,5738e00456bda310VgnCLD200000bbccbe0aRCRD.html>>. Acesso em: 08 Maio 2014.

O caso além de denunciar fatores como os levantados acima como determinantes para tal tragédia, denuncia também uma sociedade doentia, onde o ser humano tem cada vez menos valor. A sociedade só percebeu os problemas que Wellington tinha quando sofreu as consequências negativas de seus atos. Se fizermos uma análise da carta que Wellington deixou e de seu contexto vamos perceber que ele não é o único culpado pela tragédia.⁴¹

O aconselhamento e a poimênica não podem mais ficar alheios a tais questões. No primeiro momento quando aplicado às famílias e amigos das vítimas enlutadas, precisam se preocupar com a situação imediata. Seu objetivo inicial é consolar as vítimas e ajudar as mesmas a encontrar novamente um sentido para a existência. Porém, com o passar do tempo o aconselhamento e a poimênica devem levar seus pacientes a refletir sobre todas as causas que levaram ao acontecimento do fato. Para evitar que tais eventos continuem acontecendo.

Considerações finais

Como sustentamos durante o trabalho reflexão alguma conseguira esgotar com todas as indagações em relação de Deus com a dor e o sofrimento. Por esse motivo, o aconselhamento pastoral e a poimênica em casos semelhantes, não deve se preocupar em excesso em dar explicações racionais sobre a posição de Deus diante de tal atrocidade. Nada explica a morte de crianças e adolescentes de forma injusta. Tampouco nenhuma explicação religiosa conseguirá retirar o sentimento de perda por parte dos familiares mais próximos das vítimas. No entanto, a concepção do Deus solidário, amoroso e sofredor ajuda a alicerçar uma poimênica responsável, e que pode ajudar as vítimas a superarem o caos da perda.

Assim se conseguirmos manter como base para o aconselhamento e a poimênica o Cristo crucificado, impotente (aos olhos do mundo), mas ressurreto, e ainda uma leitura crítica da realidade, conseguiremos ajudar as vítimas a superarem suas dores e aplicarem sua revolta na luta por uma sociedade mais justa.

⁴¹ Na carta em que Wellington deixou o mesmo utilizou uma linguagem bastante religiosa,⁴¹ denunciando assim uma religião que isolada a vida de uma prática religiosa. O atirador também se preocupou em deixar escrito o desejo de doar seus bens a instituições pobres que cuidam de animais, declarando de forma indireta um sentimento de misericórdia com os seres que segundo ele são os mais vulneráveis. No vídeo que o mesmo deixou ele se preocupa em deixar bem claro que o motivo do ato cometido foi a prática do *bullying* que sofreu, e chamou a atenção da sociedade para sua indiferença em relação ao problema. Ao fim, podemos constatar que o culpado por tal atrocidade não é apenas o atirador e a falta de policiamento em escolas, mas também uma sociedade doentia que não se preocupa com atos que agridem a dignidade humana.

Referências

COMO FOI A TRAGÉRIA EM SANTA MARIA, RS. G1 Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-incendio-boate-santa-maria-entenda/platb/>.

GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. *Paixão pela vida*. 2. ed. São Paulo: Aste, 1978.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

PASTORAL POPULAR LUTERANA. *O povo canta: cancionário II da Pastoral Popular Luterana*. Palmitos: Pastoral Popular Luterana, 1994.

SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?: terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

TEPE, Valfredo. *Para que tanto sofrimento?* Petrópolis: Vozes, 1996. p. 70.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a salvação: uma interpretação libertadora da experiência cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

VEJA A CARTA DEIXADA PELO ATIRADOR ANTES DO MASSACRE NA ESCOLA. *Terra: Notícias*. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/veja-a-carta-deixada-pelo-atirador-antes-do-massacre-na-escola,5738e00456bda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>.